

A Conquista de Espaço e Ocupação das Mulheres na Escola Nacional de Belas Artes no Curso de Arte Decorativa

Marcele Linhares Viana
Centro Federal Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de tese de doutorado sobre o ensino de Arte Decorativa na Escola Nacional de Belas Artes na primeira metade do século XX, no Rio de Janeiro. Neste recorte tratamos do papel das mulheres – alunas e professoras – que tiveram relevância no campo do ensino de arte decorativa e no processo de valorização dessa arte no âmbito acadêmico da época.

Palavras-chave

Artes Decorativas. Mulheres. Ensino

*

ABSTRACT

This work is part of a doctoral research about Decorative Art education at the National School of Fine Arts in the first half of the 20th century, at Rio de Janeiro city. In this section, we studied the role of women - students and teachers - who had relevance in the teaching of decorative art and in the process of appreciation of this art in the academic context.

Keywords

Decorative arts. Women. Education

Refletindo no campo da história da arte em relação a temas e agentes excluídos ou à margem dela, percebemos o contexto da arte decorativa, por longa data considerada apenas como “arte menor” ou apenas uma “arte aplicada” ou até “mais ofício do que arte”¹, desconectada da historiografia das “belas artes” por décadas. Em um processo de maior aprofundamento, identificamos ainda, nesse contexto excludente, como o papel de mulheres – professoras, decoradoras, ceramistas, estilistas e historiadoras – permaneceu apagado por artistas homens e na narrativa de historiadores da arte que, além de seus vínculos e trabalhos no campo das belas artes, também atuavam e defendiam as artes decorativas. Nesse sentido, este trabalho se propõe a apresentar um levantamento inicial da atuação dessas mulheres dentro do contexto acadêmico – como professoras, alunas e expositoras – que contribuíram para o desenvolvimento e expansão das artes decorativas dentro do ensino na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) durante a primeira metade do século XX. Nomes como os de Iris Pereira, Georgina de Albuquerque, Hilda Campofiorito, Sofia Jobim, Hilda Goltz, Celita Vacanni, Freda Cavalcanti Jardim, Wanda de Ranieri, entre outras, são alguns dos que destacamos e, através das quais, propomos um novo olhar sobre as artes decorativas na ENBA e nos seus Salões Nacionais.

Objetivos

Nesta abordagem temos como principal intenção identificar a extensão da atuação (e protagonismo) feminino no contexto das artes decorativas na ENBA, considerando: a atuação de mulheres como professoras de arte decorativa, o destaque de mulheres como alunas de arte decorativa e a participação de mulheres decoradoras nas seções de Artes Aplicadas/Artes Decorativas dos Salões Nacionais de Belas Artes (SNBA).

Justificativa

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida em tese de doutoramento em 2015², sobre o ensino de arte decorativa na ENBA, acerca do qual continuamos os aprofundamentos. Neste momento, recorro e direciono os estudos para a presença feminina no processo de inserção do ensino de arte decorativa na instituição e na participação direta e indireta de figuras de artistas e decoradoras. Essas personagens foram frequentemente ofuscadas, na narrativa histórica sobre as artes decorativas, por nomes de artistas famosos como Eliseu Visconti, Flexa Ribeiro, Henrique Cavalleiro, Quirino Campofiorito, Lucílio de Albuquerque, entre outros. Muitas delas, inclusive, estiveram presentes em importantes momentos acadêmicos por estarem vinculadas a eles, seja profissionalmente ou pessoalmente, como foi o caso de Georgina de Albuquerque e Hilda Campofiorito, esposas dos pintores, e Isis Pereira, secretária-assistente de Visconti, bem como muitas alunas e discípulas.

Entendemos que a própria condição secundária frequentemente dada às artes decorativas no contexto acadêmico – tanto no que se refere ao ensino quanto à pesquisa – se soma a presença feminina no campo das belas artes, frequentemente associadas a disciplinas e matérias de menor relevância na Escola. Porém, em nosso levantamento acerca tanto do ensino de arte decorativa quanto das exposições dos Salões Nacionais, é crescentemente expressivo o número de artistas mulheres que atuam nessa seara. Nesse

¹ Conceitos atribuídos às artes decorativas levantados em bibliografia e artigos de jornais e revistas durante o período de 1930 e 1950, sobre o tema.

² VIANA, 2015.

sentido, percebemos a relevância de destacar a participação dessas mulheres e identificar qual papel exercido por elas no corpo docente, como alunas e nas exposições da Escola Nacional de Belas Artes no século XX, no Rio de Janeiro. Nas palavras do próprio Eliseu Visconti,

a arte decorativa encontra no elemento feminino brasileiro um campo vasto de atividade. Quem diz Composição Decorativa diz arranjo. A Decoração é sempre utilizável e aplicável a uma determinada matéria, como seja: madeira, ferro, pedra, ourivesaria, tecidos, papéis pintados (cerâmica), rendas, bordados em geral. Ornar, meus senhores é interessar, tornar agradável não somente a figura humana, como tudo que a rodeia. Do ramo das Belas Artes a decoração é das mais importantes. A nossa mocidade precisa de esforço contínuo, ela tem marcada tendência para o abandono e a falta de disciplina, precisamos antes de tudo provocar no estudante as pesquisas de novas formas. (grifo nosso)³

Esta presença feminina no contexto do ensino das artes decorativas durante a primeira metade do século XX se apresenta de forma crescente, sobretudo a partir dos anos 1940. Ao longo dos anos 1950 a atuação de mulheres no ensino de disciplinas como Desenho Artístico, Gravura, Modelagem e Mosaico, completam o quadro de especializações na área das artes decorativas que mais tarde ainda se agregam Tapeçaria e Estamparia. Todas coordenadas por professoras e oferecidas para turmas de considerável número de alunas interessadas em se formar pela ENBA como decoradoras. Já nos Salões Nacionais, tanto alunas da ENBA quanto artistas autodidatas ou frequentadoras de cursos livres são as participantes nas mais variadas técnicas decorativas.

Resultado

O histórico das artes decorativas no contexto ocidental do século XX coincide com o efetivo entrelaçamento das artes visuais com a produção industrial, juntamente com a expansão da estética moderna. Nas instituições de ensino artístico, as artes decorativas despontam como um segmento aparentemente mais fácil para inserção das alunas nas Escolas de Belas Artes que, até fins do século anterior, eram proibidas de frequentar as aulas de Pintura e Escultura, ou podiam apenas assistir a algumas classes específicas. O campo das artes decorativas aparece, nesse contexto feminino, tanto vinculado ao ensino artístico secundário e profissional quanto como uma alternativa de uma arte utilitária dentro da formação de ensino superior da ENBA no século XX.

Cursos e especializações em áreas como Indumentária, Cerâmica, Mosaico, Cenografia, Tapeçaria, Estamparia, entre outras, se configuram como campos de intensa participação feminina com impulso criativo e predomínio do gênero nas seções de Arte Decorativa/Arte Aplicada nos salões da Escola. Esse protagonismo feminino inicia-se com a participação de Iris Pereira, no curso de Eliseu Visconti, desde os anos 1930, onde a professora ministra as disciplinas de Desenho e Estilização (1 e 2) e Estudos dos Motivos Brasileiros, onde é apresentada no programa do curso como docente e “artista decorativa”⁴. Pereira passa de aluna e aprendiz de Visconti a mestre de outros discípulos

³ ARESTIZABAL, 1983, pp. 33-34.

⁴ Expressão usada na listagem de disciplinas e professores do curso de Extensão em Arte Decorativa coordenado por Eliseu Visconti, de 1941.

nas artes decorativas nas exposições regulares da Escola Nacional de Belas Artes ainda na década de 1930.

A partir dos anos 1940, a seção de Arte Decorativa já é predominantemente de expositoras mulheres e, em 1948, quando o curso de graduação é aberto, ele oferece duas primeiras especializações coordenadas pelas professoras: Sophia Jobim (Indumentária) e Hilda Goltz (Cerâmica). Ao lado de Georgina de Albuquerque (Desenho Artístico), Dinorah Simas Enéas (Gravura) e Celita Vacani (Modelagem), elas compõem o quadro de docentes de Arte Decorativa, marcando 1/3 de professoras mulheres no grupo. Georgina e Celita foram alunas da ENBA, retornando a escola de formação como docentes.

A atuação dessas artistas marca o período de remodelação da Escola, com a introdução de cursos novos e da dissolução da tríade Pintura-Escultura-Arquitetura, com a saída desta última e a criação da Faculdade Nacional de Arquitetura⁵, desligada da Escola de Belas Artes, enquanto esta, por vez, se reestrutura, tornando independente o ensino da Gravura (plana) e abrindo as possibilidades para a arte do design e suas variações no curso de Arte Decorativa.

No corpo discente do curso de Arte Decorativa, a partir da turma de 1948, até o seu encerramento em finais da década de 1970⁶, o curso teve matriculadas mais alunas mulheres que homens. Na participação dos Salões o número de expositoras em Arte Decorativa/Arte Aplicada também supera o de expositores. Nessas seções são comuns a participação tanto de professoras quanto de estudantes/discípulas. Esse estudo quantitativo e analítico será desenvolvido em trabalhos futuros por se tratar de dados específicos. Nessa apresentação nos concentramos apenas em verificar a presença das docentes no contexto dos Salões Nacionais como expositoras e mestres de discípulas. Mais adiante acreditamos ser possível ampliar essa análise considerando todas as expositoras e analisar a atuação de todo o conjunto dessas artistas.

Se no início do século, trabalhar na área de arte decorativa podia ser confundido como uma atuação de “artista decorativa”, pejorativamente, sem função, a “artista decoradora” ou simplesmente “decoradora”⁷, que se forma na ENBA/EBA, e que expõe nos seus Salões (de Arte Moderna e de Belas Artes), não tem nada de ornamental. Essa mulher possui função essencial nessa dinâmica da arte aplicada à indústria e sua trajetória, mais adiante, no campo do design.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARESTIZABAL, Irma (Org.). Eliseu Visconti e a Arte Decorativa. Rio de Janeiro: PUC/FUNARTE, 1983, 160p, il.

⁵ Que mais tarde vira FAU, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

⁶ O curso de Arte Decorativa foi fragmentado em uma reforma da EBA e deu origem aos cursos de Composição de Interior, Indumentária, Composição Paisagística, Cenografia e Desenho Industrial – Projeto de Produto e Programação Visual.

⁷ Vale lembrar que os diplomas inicialmente apresentam o título de “Decorador”, a partir de 1948. Na década de 1950 também é possível se formar como “Professor de Arte Decorativa”, para aqueles que fazem complementação pedagógica. Mais tarde a nomenclatura muda para aluno que concluiu o curso seriado de “Arte Decorativa”.

CARVALHO, Sophia Jobim Magno de. Palestra da professora Sophia J. M. de Carvalho. O que é, por que e como. Arquivos da ENBA. Nº6. 12/08/1960. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil.

COELHO, Edilson da Silveira. O Nacionalismo em Theodoro Braga: posturas e inquietações na construção de uma arte brasileira. 2009. Orientadora: Sonia Gomes Pereira. Tese (História e Crítica da Arte) – PPGAV – EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, il.

FRANK, Isabelle (ed.). An anthology of european & american writings, 1750-1940. New Haven/London: Yale University Press, 2000, 392p, il.

GOLTZ, Hilda. Relato de uma viagem à Europa (26/05 a 22/08/1959). Arquivos da ENBA. Nº6. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil.

LUZ, Ângela A. da. Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Brasil. Rio de Janeiro: Caligrama, 2005, 251 p. il.

MACÊDO, Fábio Ricardo Reis de. Campofiorito e a questão da arte menor. 2000. Orientador: José Maurício Alvarez. Dissertação. Pós-graduação em Ciência da Arte (Linguagens da Arte). UFF. Niterói, 168p, il.

MALTA, Marize. Unir o útil ao agradável – a arte decorativa na Academia de Belas Artes. Anais do XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte. Porto Alegre: CBHA, 2002.

SENNETT, Richard. O Artífice. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2009, 364p,il.

VIANA, Marcele Linhares. Arte Decorativa na Escola Nacional de Belas Artes: Inserção, Conquista de Espaço e Ocupação (1930 – 1950). 2015. Orientadora: Marize Malta. Tese. Pós-graduação em Artes Visuais. UFRJ. Rio de Janeiro, 450p, il.